

O campo da educação entre a ética e a estética: um estudo em pesquisas qualitativas no Brasil

Roseane Maria de Amorim*

Resumo

Este artigo aponta reflexões sobre as pesquisas qualitativas no Brasil, enfatizando as mudanças que vêm acontecendo principalmente no campo da educação. O estudo faz, primeiramente, uma discussão sobre o que é pesquisa e suas diversas concepções para, então, analisar os trabalhos que utilizam a análise de discurso. No encaminhamento do debate realizado percebe-se que a pesquisa qualitativa ainda apresenta muitos embates e engloba diversos entendimentos, muitas vezes contraditórios e antagônicos. A ética e a estética são características fundamentais para a construção de uma produção bela e de qualidade. Compreendo que as pesquisas consideradas qualitativas vêm conquistando espaço entre os estudiosos das ciências humanas e sociais. Por isso, buscarei nos autores sobre pesquisas e sobre análise do discurso o aporte teórico necessário para as considerações realizadas. Dentre estes autores estão Gatti (2002), Minayo (1994), Demo (1985), Fazenda (1995, 2004), Marli André (2001), Menga Lüdke (1995), Orlandi (2001, 2002), Foucault (2007), Fairclough (2001).

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Análise do discurso. Educação e psicologia.

Introdução

A minha atuação como professora da educação básica por quase duas décadas e, recentemente, como pesquisadora e professora do ensino superior tem me proporcionado várias reflexões sobre pesquisa no campo da educação. Como educadora, sempre me inquietaram as falas dos profissionais da educação quando apontam a dicotomia entre teoria e prática. Algumas questões ficaram pendentes no decorrer da minha atuação e formação, tais como:

* Mestra em Educação pela UFPE. Professora da rede municipal de ensino do Recife. Assessora pedagógica de História da rede municipal de ensino do Jaboatão dos Guararapes. Professora da Faculdade de Timbaúba. Doutoranda no PPGE em Educação da UFPE. Rua Domingos Teotônio, 38, apto. 102, bloco D, Barro Recife - PE, 50900-340. E-mail: roseaneroaseane@ig.com.br

Recebido em: 30/8/2008 – Aprovado em: 16/10/2008

- Qual o impacto da pesquisa em educação para o campo social?
- Quais as principais características de uma pesquisa qualitativa?
- O que diferencia a “análise de discurso” da “análise de conteúdo”?
- Como andam as pesquisas nas ciências humanas no Brasil?
- Quais são os cuidados que todo pesquisador e pesquisadora precisam ter para a construção de uma produção com rigor e, ao mesmo tempo, bela?

É claro que não poderei responder a todas essas questões neste artigo. Limitar-me-ei a fazer uma discussão aprofundada sobre os trabalhos que utilizam os estudos de Foucault como teoria ou a análise de discurso como caminho de interpretação metodológica. Para isso, primeiramente, analiso o conceito de pesquisa e aponto reflexões sobre pesquisa qualitativa e as mudanças referentes às temáticas trabalhadas no campo da educação; procedo a uma discussão sobre análise de discurso, apontando algumas reflexões teóricas; avalio três investigações que utilizam a análise do discurso no Brasil no campo da educação e da psicologia e um trabalho que utiliza Foucault como referencial teórico; reflito ainda sobre o caminho trilhado por estes(as) pesquisadores(as). Ressalto que em nenhum momento encontram-se registradas no texto pretensões de

fazer uma comparação entre o campo da psicologia e o da educação, de oferecer ideias novas sobre a temática discutida ou apresentar o estado da arte das pesquisas qualitativas no Brasil.

Percebo que as pesquisas consideradas qualitativas vêm conquistando espaço dos estudiosos das ciências humanas e sociais. Para isso, busco nos autores que tratam sobre pesquisas e análise do discurso o aporte teórico necessário para as considerações realizadas. Dentre esses estão Gatti (2002), Minayo (2003), Demo (1985), Fazenda (1995, 2004), Marli André (2001), Menga Lüdke (1995), Orlandi (2001, 2002), Foucault (2007), Fairclough (2001).

Considero a pesquisa como um ato de descoberta e de encontro com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Há uma beleza na produção de um trabalho dessa natureza. Na pesquisa buscamos respostas para os problemas que nos instigam, desde os mais triviais até os mais complexos. A indagação sobre uma dada realidade permite-nos correr atrás de respostas que ainda não se sabe bem como apreender. Espera-se que a pesquisa científica, no geral, promova a reflexão, o conhecimento sobre si mesmo, e promova o amadurecimento intelectual e moral.

Aproximando-se do conceito de pesquisa

Procurar respostas para os desafios que enfrentamos no cotidiano das nossas vidas faz parte da essência humana. Desde o nosso aparecimento no planeta, do homem *Australopithecus* (macaco do sul) ao homem *sapiens*, procuramos saídas para os problemas que nos incomodam. As buscas pelas respostas nos instigam a pensar sobre o mundo e sobre si mesmo. Essa capacidade reflexiva faz do homem e da mulher seres diferenciados das outras espécies que vivem no planeta Terra.

Assim, podemos dizer que o ato de solucionar problemas faz parte de uma pesquisa, entendida com sentidos variados. No sentido amplo, é uma maneira que encontramos para obter conhecimento sobre alguma coisa; no sentido restrito (pesquisa científica), o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Como afirma Gatti (2002, p. 9), “não buscamos com ele qualquer conhecimento, mas o conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos”. O conhecimento obtido por meio da pesquisa científica não se satisfaz com dados simplificados, mas desvela processos, explica consistentemente os fenômenos e utiliza-se de argumentos variados.

Quem pesquisa procura descrever, explicar e compreender fenômenos que não estão claros. Enfim, a pes-

quisa tenta se aproximar da realidade que estamos tentando compreender. Assim, a pesquisa qualitativa procura trabalhar com as crenças, as representações das pessoas, as formas de ser, os sentimentos sobre um dado fenômeno. No dizer de Minayo (1994, p. 21-22), “[...] se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]”.

Percebe-se, assim, que pesquisar é um exercício de reflexão de forma sistematizada e organizada; é uma atividade básica de indagação sobre a realidade e que está inserida num dado momento histórico. Para Demo (2003, p. 19), “a pesquisa compreendida como capacidade de elaboração própria condensa-se numa multiplicidade de horizontes no contexto científico”. Mesmo que considerada como descoberta da realidade, trata-se de um conceito estreito de realidade. A pesquisa é uma atividade laboriosa, que exige a elaboração de um problema, o qual tem uma conexão direta com o real, com a problemática – um conjunto de questões que permeiam a discussão do(a) pesquisador(a) – e a construção do objeto, que é uma construção abstrata permeada de intencionalidade.

Nas décadas de 1960-1970, o foco das pesquisas educacionais no Brasil estava direcionado para fatores extra-escolares; na de 1980, a ênfase era nos

fatores intraescolares. “O exame de questões genéricas, quase universais, vai dando lugar as análises de problemáticas localizadas, cuja investigação é desenvolvida em seu contexto específico” (ANDRÉ, 2001, p. 53). Nesse período, afirma a autora, propagou-se a metodologia de pesquisa-ação e da teoria do conflito, ou, como entendemos, da teoria crítica, para explicação da realidade educacional, em contrapartida às explicações técnicas.

Ganham forças os estudos [...] qualitativos, que englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, de métodos, de técnicas e de análises, compreendendo desde estudos do tipo etnográfico, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa-ação até análises de discurso e de narrativas, estudos de memória, histórias de vida e história oral (ANDRÉ, 2001, p. 54).

É nessa perspectiva que a autora em tela nos chama a atenção para o papel do pesquisador, que, agora, não se encontra externo ao fato, mas com um “[...] olhar ‘de dentro’ [...] com a colaboração dos participantes” (ANDRÉ, 2001, p. 54). Ocorre, portanto, o avanço do limite restritivo à educação para outras áreas do conhecimento, o qual gerou, afirma André, um debate pertinente sobre o conflito de tendências metodológicas e epistemológicas das abordagens.

Nesse embate dois campos sempre influenciaram em diversos momentos históricos as pesquisas em educação: a psicologia e a sociologia. Eviden-

temente, tais mudanças não foram tranquilas. Surgiram questionamentos relacionados às finalidades da investigação e à natureza do conhecimento produzido; aos critérios de avaliação da qualidade dos trabalhos, dos métodos e das técnicas.

André (2001) faz uma indagação: “A pesquisa em educação deve gerar novos conhecimentos ou deve servir de intervenção ou possuir uma aplicabilidade/utilidade social?” Essa questão aponta para uma discussão teórica. A pesquisa não se presta para solucionar pequenos problemas cotidianos, pois entendê-la desse modo significa assumir uma herança técnica e administrativa dos intelectuais-dirigentes da Escola Nova. Então, teríamos nos tornado pragmatistas em relação às finalidades da pesquisa? (ANDRÉ, 2001). Compreende-se que a pesquisa na educação apresenta desafios teórico-metodológicos que ainda não estão totalmente resolvidos, em razão das possibilidades de caminhos que o pesquisador pode seguir. É o que veremos no próximo item, onde aponto algumas reflexões sobre análise de discurso.

Análise de discurso: algumas considerações

A noção de discurso é compreendida com acepções diferentes, assim como ocorre com a expressão “análise do discurso” (AD). Caregnato e Mutti (2006) apontam que não existe uma única linha de AD, mas diferentes es-

tilos, com enfoques variados e diversas tradições teóricas. A AD não trabalha com o conteúdo do texto, mas com o sentido do texto, que é produzido e constituído pela ideologia, pela história e linguagem. Sua filiação teórica a partir da década de 1960 constituiu-se com base em três campos disciplinares: a linguística, o marxismo e a psicanálise.

Numa perspectiva da escola francesa de AD, o discurso pode ser entendido como uma dispersão de textos e de enunciativas, cujo modo de inscrição está historicamente situado e localizado. A palavra “discurso”, etimologicamente, dá a ideia de curso, de percurso, de correr, pôr em movimento. No dizer de Orlandi (2007, p. 15), “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. A fala¹ serve como mediação entre o sujeito que está no mundo e a realidade natural e social. Todo discurso parte de outros discursos, que nunca estão totalmente saturados e são sempre ressignificados. O mesmo discurso vai e volta em vários momentos históricos; além disso, o discurso “cola no corpo”, diz o que a pessoa pensa, isto é, materializa-se.

A análise do conteúdo trabalha a palavra, ao passo que a prática da língua realizada por emissores identificáveis leva o sujeito a produzir inferências acerca dos dados verbais simbólicos à AD, porque ele procura

extrair sentidos do texto, respondendo à questão: O que está por trás do texto? A AD afirma que a linguagem não é transparente e é marcada pela ideologia. A questão que se coloca é: Como este texto significa? O texto não é tomado como uma ilustração, mas como um sistema simbólico que produz sentidos (ORLANDI, 2007, p. 17). Em suma, a AD visa compreender como se produz sentido e como os discursos são construídos. Os sentidos não estão só nas palavras, mas também nos textos, no contexto, nas condições em que são produzidos, nem dependem só das intenções dos sujeitos.

A história, e consequentemente a memória, tem um peso muito forte no discurso: “Ele é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2007 p. 31). Um elemento ainda central no discurso é o interdiscurso, que é “todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas” (ORLANDI, 2007), ou seja, o que é dito por uma pessoa num determinado contexto histórico já foi discursado em outro contexto por outra pessoa, em algum lugar do passado.

Orlandi (2007, p. 82) chama a atenção ainda para o não-dito na AD. O dizer tem relação com o não-dizer, com aquilo que está implícito no que se diz. Outra forma de trabalhar o não-dito é o silêncio, perceptível por meio da pausa e do recuo. Enfim, partimos do dizer, do dito, para compreender o não-dito.

O discurso em Michael Foucault

Foucault é um desses autores enigmáticos que, ao se dizer alguma coisa sobre o seu trabalho, corre-se o risco de simplificar seus dizeres, em razão da fecundidade da sua obra. O estudo de Michael Foucault tem proporcionado várias interpretações, muitas vezes contraditórias. Sua produção não se encaixa em nenhuma disciplina específica pela complexidade das discussões, e seus estudos têm influenciado as ciências sociais e as ciências humanas.

Uma das preocupações de Foucault foi o poder, temática da qual passou a tratar quando iniciou suas pesquisas sobre a história da penitenciária. Foucault observou que tanto na prisão como em outras instituições, a exemplo do hospital e da escola, eram utilizadas técnicas e procedimentos de controle. Segundo Valones,

sua preocupação com a subjetividade o levou a investigar como o sujeito constitui a si mesmo através das práticas sociais e como se constrói esse sujeito que fala, que produz e que está vivo e, ainda, como acontecem suas relações com a verdade no interior dos discursos, repudiando as verdades e os discursos rígidos herméticos, inertes, acabados e absolutos (2003, p. 44).

Na visão foucaultiana, as relações humanas e sociais são construídas e caracterizadas pelas relações de poder, que é distribuído em micropoderes. Nos estudos sobre os presídios

Foucault verificou a existência de um “Panopticon”, que era uma espécie de construção produzida para realizar a vigilância do espaço, do tempo e das ações dos sujeitos (VALONES, 2003 p. 46). Segundo a autora em questão, essa técnica de vigilância está presente na escola na forma de organização das salas, da estrutura da escola, da imposição de normas, ou seja, esse poder disciplinar encontra-se presente nos corpos dos alunos, no espaço e no tempo escolar.

Entretanto, para Foucault o poder não é necessariamente negativo, pois o poder saber incita, induz, seduz, amplia ou limita. Demonstra a relação do poder com o saber e como os efeitos do poder são fortes na construção dos discursos; o saber pode apagar ou desafiar a dominação do poder repressivo. Na sua análise sobre o poder, Foucault contemplou as formas de “governo”, palavra entendida de acordo com o significado do século XVI, ou seja, não vinculada às estruturas políticas ou à administração dos Estados, mas, sim, às formas pelas quais as condutas dos indivíduos ou grupos poderem ser dirigidas.

Os discursos produzidos pelos sujeitos estão vinculados aos espaços que as pessoas ocupam. Essa formação discursiva absorve uma relação entre instituições, processos sociais e econômicos, padrões de comportamentos, etc. (FAIRCLOUGH, 2001), isto é, os discursos estão historicamente

situados e localizados. Para Foucault (2007, p. 8-9), “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Afirma Foucault (2007, p. 9) que não se pode dizer tudo, em qualquer circunstância, a qualquer um, de qualquer forma, e que os discursos não são neutros ou transparentes. Há hierarquias nos discursos: existem os que se dizem nas práticas cotidianas, no decorrer dos dias e das trocas, e os que já foram ditos, que permanecem ditos e estão ainda por dizer, como os textos religiosos, jurídicos, literários e, em certa medida, os textos científicos (p. 22). Na análise de discurso na perspectiva de Foucault, quer-se saber o porquê desse discurso. Segundo Carvalho (2007), “observa-se, assim na arqueologia de Foucault, um caminho metodológico para análise de questões situadas nos lugares e não lugares”. É com base nesses olhares que no próximo ponto analisarei algumas pesquisas qualitativas produzidas no Brasil.

As pesquisas no Brasil: um estudo à luz de Foucault e da análise de discurso

Como já foi assinalado no início deste artigo, analisarei quatro pesquisas realizadas no Brasil: uma no

campo da psicologia e três no campo da educação. Três desses estudos abordaram a análise de discurso como caminho metodológico sob diferentes perspectivas; a quarta pesquisa, embora não tenha trabalhado com AD, tomou como base teórica principal o trabalho de Foucault. A tese da área de psicologia trabalha com o discurso e com a construção da subjetividade, portanto, faz parte do campo de interesse dos meus estudos.

Ao analisar essas produções, procuro descrever, de forma geral, como estão estruturados os capítulos e apontar-lhes o problema, a metodologia seguida (em que perspectiva utilizou a AD), o campo teórico abordado e as conclusões principais. De antemão, anuncio que este texto não pretende analisar em profundidade as obras estudadas, e, sim, apontar os caminhos trilhados pelos pesquisadores. Assim, o objetivo do trabalho é apenas apontar o olhar de uma pesquisadora que trabalha no campo da educação e que estuda análise de discurso.

O primeiro trabalho analisado é uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, tendo como título: “Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise institucional”. O estudo está dividido em cinco partes e cada uma, em vários tópicos. No primeiro ponto, analisa o ingresso de recém-graduados no mundo do trabalho, além de revisar os caminhos já trilhados por outros estudiosos e a especificidade da

pesquisa. Na segunda parte do trabalho é feita uma leitura institucional dos diferentes cursos que compõem a pesquisa e são apresentados os modos de subjetividades na perspectiva foucaultiana de análise dos discursos. Na terceira parte, o estudo aponta os dispositivos analíticos e os procedimentos do estudo, descrevendo o recorte da pesquisa. No quarto item analisa as relações entre as práticas da formação e o exercício da profissão e, na última parte, sintetiza os discursos dos recém-graduados.

O objeto de estudo da pesquisa é a dimensão subjetiva da inserção profissional do recém-graduado, mais precisamente, nas relações que estabelece com e entre as diferentes práticas institucionais. As perguntas que configuraram as discussões foram: “Que cenas os discursos do recém-graduados da UFPR produzem nesse movimento de uma prática institucional a outra?” “Como eles se relacionam e com tais práticas em seus discursos e, ao fazê-lo, que lugar se atribuem ou, dito de outro modo, que experiências de subjetividade aí se produzem?”

Na parte em que aborda a subjetividade, procuro entender a questão à luz de Foucault. Valore registra no seu trabalho: “Pensar a subjetividade com Foucault é assumir, no lugar de um sujeito imanente, uma miragem de sujeito, efeito de relações poder-saber investidas discursivamente” (2005, p. 104). Para isso, a autora faz um

estudo da obra do autor, que trata da história da sexualidade e da construção da subjetividade do sujeito. Percebemos no seu trabalho a ênfase dada ao poder na construção da subjetividade.

O poder, como visto, está em toda parte, não porque englobe tudo, mas porque é inerente a todos os lugares: são os chamados “micropoderes”. São três os domínios: o do saber, o do poder e o da ética. Nessa construção do sujeito o poder é, sobretudo, o poder de afetar e ser afetado, como afirma Foucault (1999). Conforme sinalizado anteriormente, o poder se produz vinculado ao saber, isto é, a vontade de saber nesses discursos é regida por estratégias de poder que se articulam com várias dimensões.

No segundo capítulo é visto o discurso da instituição. Neste ponto se faz uma aproximação da AD com a arqueologia foucaultiana. Os autores tomados como referência, além do próprio Foucault, foram Maingueneau (1997) e Guirado (1995). Verifica-se que a estudiosa dá conta do processo das articulações entre os autores, afirmando em seu diálogo com Maingueneau que Guirado apropria-se da noção de discurso como cena enunciativa. Para a pesquisadora, Foucault assume-o como acontecimento, como o campo de correlação de forças, espaço de lutas, de ocupação e de subversão de lugares e de expectativas dos diferentes sujeitos (VALORE, 2005).

O procedimento assumido no trabalho pela pesquisadora foi a entrevista e o *corpus* selecionado para o trabalho constitui-se de 17 profissionais graduados entre janeiro de 2001 e fevereiro de 2003 em oito diferentes cursos ofertados pela UFPR. A opção foi pelos cursos de maior demanda em diversas áreas de conhecimentos, tais como: a) Área Biológica: Medicina e Educação Física; b) Área Tecnológica: Bacharelado em Ciências da Computação e Engenharia Civil; c) Área Humanística: Direito, Administração Comunicação Social e Psicologia.

Uma vez selecionados os cursos, foram escolhidos dois entrevistados por curso de forma aleatória (o que deveria resultar num total de 18 entrevistados). O critério adotado na seleção dos entrevistados foi o tempo de formado. Na entrevista a pesquisadora procurou contemplar alguns temas relativos à formação e à inserção profissional dos recém-graduados, o que resultou num roteiro de perguntas. Para isso foram elaboradas questões relativas à escolha da profissão, ao tempo em que entrara na universidade, às expectativas, ao que marcara a passagem da universidade para o mundo profissional, entre outras.

A autora afirma que, como dispositivo analítico da AD, é utilizado o conceito de “dobradiça de sujeito”, o qual reportou a outros, como o da heterogeneidade discursiva e dos efeitos de reconhecimento e de desconheci-

mento do/no dizer. Valore não explica de forma clara como esses dispositivos ajudaram na sua análise nem os conceitua de forma aprofundada. No conceito de “dobradiça” é dito e comentado que a experiência de subjetividade processada no discurso dá-se na tensão entre o assujeitamento e a resistência na ordem discursiva da produção desses lugares através de diferentes patamares (VALORE, 2005), embora trate de forma bem mais aprofundada da categoria heterogeneidade discursiva.

Na última parte do trabalho (a mais aprofundada) são analisados os discursos dos sujeitos da pesquisa. A autora intitula este capítulo de “Dos discursos e sua possível análise”. O primeiro tópico analisado é a escolha da profissão e suas fundações e legitimações. Verificamos na análise que a autora procurou ver também as regularidades dos discursos sem deixar de compreender as singularidades. Veja-se um trecho de sua fala ao analisar os discursos:

Em seu dizer o(s) porquê(s) do curso escolhido, os entrevistados tecem motivações, expectativas, imagens da profissão e do fazer acadêmico. Ao mesmo tempo, desenham imagens de si, efeitos de subjetividade, na relação com uma profissão e com o futuro antecipado no momento de ingresso na universidade (VALORE, 2005, p. 145).

Ao analisar as falas dos entrevistados, Valore procura, com base na perspectiva foucaultiana, analisar

os saberes e os jogos das verdades nelas implícitas. Nessa perspectiva, vai percebendo, com base nos estudos teóricos e de campo, que a instituição só existe pela ação concreta dos seus autores e nas relações entre o saber/poder, isto é, os sujeitos não repetem apenas os discursos das instituições, mas organizam, normalizam, regulam, produzem, legitimam e rompem com práticas e lugares instituídos.

A segunda pesquisa estudada foi “A crise do imaginário moderno e as novas tecnologias de regulação do trabalho docente: discurso, conhecimento e poder no Programa Pró-Ciências Pernambuco”, do mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O estudo está dividido em três capítulos: o primeiro trata da instituição da ciência moderna e da regulação dos discursos pedagógicos na contemporaneidade; o segundo analisa a agenda governamental da década de 1990 e a reforma educacional ocorrida no governo FHC; por último, o terceiro capítulo analisa o discurso, conhecimento e poder no Programa Pró-Ciências em Pernambuco. O objeto específico de estudo foi o Programa Pró-Ciência em Pernambuco, reconstituindo o seu processo decisório, ao mesmo tempo em que se procura compreender as concepções e as representações que os formuladores do programa têm a respeito da relação ciência-tecnologia-educação e dos seus impactos na formação profissional docente.

Assim, a atenção analítica dirigiu-se para as seguintes questões: “Como a formação tem se materializado nas representações e nos discursos das principais instituições e dos atores responsáveis pela implementação do programa?” “Quais as principais imagens de ciência, tecnologia e educação que os chamados ‘programas de formação continuada’ em ciências e matemática têm proposto?” “Quais os seus impactos na transformação qualitativa do sistema de ensino?”

Nas categorias estudadas neste artigo detenho-me na análise do terceiro capítulo, onde a análise de discurso é apresentada. O procedimento analítico foi elaborado com a realização de entrevistas semiestruturadas com perguntas definidas, porém abertas, visando mapear o discurso dos gestores que se responsabilizaram, no estado de Pernambuco, pela implantação e implementação do Programa Pró-Ciências. Cada entrevista foi dividida em blocos temáticos, cada qual subdividido, tais como: a) 1 - Desenho funcional do programa; b) 2 - Formação da equipe gestora; c) A 3 - Resultados visíveis ao programa; d) B 1 - Tratamento dado ao objeto de conhecimento; e) B 2 - Formação continuada e a melhoria da qualidade do ensino; f) B 3 - Relação entre a ciência, a tecnologia e a educação.

Como vimos, de acordo com Freitas (2000), os discursos dos gestores (foram denominados “gestores” todos que estavam à frente na organização

e implementação do programa) ficaram restritos a dois campos temáticos abrangentes: um que dizia respeito à estrutura organizacional das atividades de formação promovidas pelo programa e o outro que tratou dos pressupostos sociais e epistemológicos da formação continuada. A base teórica tomada pelo autor foram Orlandi e Foucault. Em Orlandi buscou-se compreender quais são as imagens de projeções vivenciadas pelos sujeitos que ancoram as construções dos discursos; em Foucault, a relação entre saber/poder foi fundamental para compreender essas representações e concepções dos sujeitos envolvidos no programa estudado.

A conclusão a que a autora chegou é que esse tipo de programa veiculou uma concepção dogmática de ciência, impedindo, assim, a formação dos professores como profissionais reflexivos (FREITAS, 2000).

A terceira pesquisa, intitulada “A apropriação das propostas oficiais de leitura pelos professores: o caso do Recife”, constitui-se numa tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2002. A pesquisadora analisou como os(as) professores(as) se apropriam das concepções oficiais de ensino de leitura e como essa apropriação se relaciona ou não com as mudanças didáticas e pedagógicas em suas práticas de ensino nessa área.

Os pontos analisados na tese foram: a) mudanças didáticas e pedagó-

gicas no ensino de língua portuguesa; b) a pesquisa, professoras e procedimentos metodológicos; c) o ensino de língua portuguesa: o que dizem as professoras? As entrevistas foram realizadas com sete professoras de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental. A análise da proposta e de conteúdo serviu como guia ao estudo.

No discurso das professoras sobre as práticas de língua portuguesa, a autora optou pela utilização do instrumental da análise do discurso, principalmente em sua vertente francesa. Assim, considerou que as “falas das professoras somente deveriam ser analisadas dentro da instituição escolar com suas hierarquizações e aspectos ideológicos que incluem definições conscientes ou inconscientes de papéis sociais” (ALBUQUERQUE, 2002). Um elemento importante na pesquisa é que, primeiramente, a pesquisadora analisou seus discursos para, então, selecionar as práticas que iria observar.

Albuquerque afirma que nas entrevistas com as professoras foram percebidas em suas falas estratégias discursivas relacionadas à dicotomia tradicional/velho/errado x inovador/novo/certo. Esse discurso é legitimado, de certa forma, nas próprias propostas pedagógicas da rede municipal do Recife. Segundo a autora (2002), as professoras reconhecem a legitimidade do discurso oficial da proposta pedagógica, fazendo referência a ela ao falarem de suas práticas de ensi-

no de língua e ao dizerem que os seus fazeres estão baseadas no documento oficial.

Ao contrário do que é dito nas propostas pedagógicas, o discurso das professoras sobre suas práticas revela mudanças didáticas na prática docente relacionada ao ensino da língua portuguesa. Elas estavam se apropriando do discurso da diversidade textual, o que acarretava mudanças no cotidiano escolar.

Para a realização de seu trabalho Albuquerque baseou-se em dois autores principais de análise de discurso: Foucault e Bakhtin. Observa-se que a autora foi clara ao mostrar o caminho que percorreu, além de ter uma base teórica bem fundamentada.

A quarta e última pesquisa analisada tem como título “O poder disciplinar na relação pedagógica no cotidiano escolar”, dissertação de mestrado realizada no Centro de Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco e defendida em 2003. Embora o estudo não trabalhe com análise de discurso, mas com a análise de conteúdo, Foucault é reconhecido como o teórico que guia as interpretações realizadas. Portanto, a inserção desta pesquisa neste artigo é mais que justificável.

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro trata das considerações teóricas sobre o poder e suas relações, parte em que Foucault é tomado como principal referência; no segundo capítulo é descrito o caminho

percorrido e, no terceiro, é retomada a discussão sobre o poder disciplinar no tempo e a relação pedagógica.

O objeto de estudo desta pesquisa é o poder disciplinar na relação pedagógica no cotidiano da sala de aula. A instituição escolar é vista como componente da estrutura social que vive a relação de poder, a qual, pela sua natureza, torna-se disciplinar (VALONES, 2003). O objetivo maior da pesquisa foi analisar as práticas e a relação pedagógica, de modo a identificar as manifestações de poder. Um dado interessante do estudo é que os professores e as professoras, os alunos e as alunas, não percebem que exercem poder. Os discentes tanto podem legitimar o poder do docente como podem discordar das normas impostas e desobedecer a elas.

Quanto à fundamentação teórica, a pesquisadora caminha entre os diversos teóricos, tais como Marx e Weber, que apontam os tipos de dominação: a tradicional, a carismática e, sobretudo, a legal. Pierre Bourdieu e Jean Claude Passaron buscaram no poder simbólico o entendimento das relações cotidianas; Foucault procurou compreender o espaço disciplinar apontando as situações que nos fazem entender a rigidez da escola.

O estudo aponta que as relações de poder atravessam o cotidiano dos sujeitos e dos grupos em suas relações de forma repetitiva, mecânica, automática e quase imperceptível. Valones (2003) enfatiza, com base nos estudos

foucaultianos, que o poder é disciplina e que as relações de poder são disciplinares; considera que a prática pedagógica está impregnada de poder nas dimensões da positividade e da negatividade. Enfim, é um estudo bem fundamentado e de leitura obrigatória para todo(a) pesquisadora(a).

Voltando ao ponto de partida: algumas considerações

Toda pesquisa científica leva o(a) pesquisador(a) a uma mistura de medo e desejo de ir além do que já se sabe, de criar e inovar em direção ao que ainda não foi posto. Toda pesquisa é um *devoir*, é uma aposta que leva o(a) estudioso(a) a transgredir seus próprios limites.

À medida que adentra nos estudos, o(a) pesquisador(a) vai se apropriando de si mesmo, dos seus ideais, dos seus sonhos e das suas convicções. A cada pesquisa surge uma nova emoção. O ato de compreender melhor o mundo vai tomando parte de nós, tanto que demoramos a acreditar que realmente chegamos perto da realidade. O brilho no olhar, as horas de inseguranças, as buscas quase intermináveis vão aos poucos nos configurando como seres inacabados. No dizer de Fazenda (1995, p. 11-12), “o pesquisador iniciante é prisioneiro do desejo de ir além, de criar, de inovar, de caminhar em direção ao que ainda não é”.

As pesquisas não nascem ao acaso, mas das nossas experiências, anseios, lutas e dúvidas; originam-se

do nosso próprio ser; num movimento que engendra novas formas de pensar, novos desafios e formas de encarar o mundo. Toda pesquisa promove uma educação para o amanhã, uma nova história, que começa a cada dia, a cada novo renascer, a partir dos desejos que vão surgindo ao longo da estrada percorrida.

Abstract

The field of the education between ethics and aesthetics: a study in qualitative research in Brazil

Article intends to point reflections on the qualitative research in Brazil emphasizing the changes that are happening, mainly, in the field of education. The study first makes a quarrel on what it is research and its diverse conceptions, and forwards makes an analysis on the works that use the Analysis of Speech. In the guiding of the achieved work one perceives that the qualitative research still presents many strikes and includes diverse agreements, many of them contradictory and antagonistic sometimes. Ethics and the aesthetics are characteristics fundamentals for the construction of a production beautiful and with quality. I understand that the considered research qualitative are conquering space of

Scholars of Human and Social Sciences. Therefore, I will search in the authors on research and on analysis of speech theoretical support necessary for the achieved considerations. Amongst these authors we can name Gatti (2002), Minayo (2003), Demon (1985), Farm (1995, 2004), Marli Andres (2001), Menga Lüdke (1995), Orlandi (2001, 2002), Foucault (2007), Fairclough (2001).

Key words: Qualitative research. Analysis of speech. Education and psychology.

Nota

- ¹ A fala neste texto está sendo tomada como discurso.

Referências

- ALBUQUERQUE, Elina Borges. *Apropriação de propostas oficiais de ensino de leitura por professores: o caso do Recife*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia. *Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino da língua portuguesa: apropriações de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.
- BERNADETE, Angelina Gatti. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano, 2002.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, out./dez. 2006.
- CARVALHO, Rosângela Tenório de. *Análise arqueológica do discurso: um contributo para pesquisa qualitativa no campo da educação*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Mimeografado.
- DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1987.
- _____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Introdução a metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2001.
- FAZENDA, Ivani. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.
- _____. Dificuldades comuns entre os que pesquisam em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2007.
- FOUCAUT, Michael. *Ditos & escritos*. Problematização do sujeito. Psicologia, psiquiatria e psicanálise Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1999. v. 1.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2007.
- FREITAS, Alexandre Simão. *A crise do imaginário moderno e as novas tecnologias de regulação do trabalho docente: discurso, conhecimento e poder no programa pró-Ciências Pernambuco*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- GUIRADO. *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo: Sammuns, 1995.
- LÜDKE, Menga. A pesquisa na formação do professor. In: FAZENDA, Ivani (Org.). A

pesquisa em educação e a transformação do conhecimento. Campinas: Papirus, 1995.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MINAYO, Maria Cecília et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2007.

VALONES, Neide Maria Alves. *O poder disciplinar na relação pedagógica no cotidiano escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

VALORE, Luciana Albanese. *Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise institucional*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.